

3

Agentes educacionais no survey

O survey que serve de base para este trabalho foi elaborado e aplicado pelo SOCED, com vistas a dar continuidade a um programa que vem investigando a produção das elites escolares, em nove escolas recorrentemente apontadas entre as melhores do município do Rio do Janeiro.

A partir dos pressupostos teóricos de Pierre Bourdieu e das pesquisas desenvolvidas no campo da sociologia da educação principalmente na França, a família é considerada como ponto central. Assim sendo a investigação dos processos de socialização familiar foram valorizados. Junto a essa idéia inicial foram analisados também os processos de socialização escolar desses grupos, buscando identificar as práticas escolares, culturais, hábitos e condições de estudo, lazer e consumo, dos agentes educacionais (alunos, pais e professores).

Foram selecionadas escolas de prestígio com diferentes perfis, tanto no que se refere às práticas pedagógicas quanto às características sociais dos agentes: duas confessionais, duas bilíngües, duas alternativas²⁴, duas públicas e uma judaica.

O principal instrumento para a coleta de dados foi um questionário²⁵ auto-administrado para a população-alvo da pesquisa: alunos da 8ª série (850 em 31 turmas), seus pais (397) e professores (144). Foi montado um banco de dados, posteriormente analisados com a ajuda do software SPSS 11.5 for Windows.

Os questionários dos pais foram enviados através dos alunos e tiveram uma taxa de devolução bastante desigual. Apenas duas escolas (uma bilíngüe e uma confessional) devolveram acima de 60%. As escolas públicas tiveram devoluções dentro do considerado adequado: 50%. As restantes devolveram menos de 50%. A preocupação do grupo em procurar um viés que justificasse essas taxas não se confirmou de maneira consistente. Entre as características dos não respondentes temos:

²⁴Denominação utilizada para definir as escolas que desde o período autoritário se apresentaram com propostas pedagógico-escolares que pretendiam uma educação menos disciplinadora, acreditando na capacidade formadora de um ambiente onde o exercício da experiência democrática fosse constante. Influenciadas pela psicanálise e pela teoria construtivista, suas práticas teriam uma pauta mais horizontal para as relações adulto/crianças/jovens.

²⁵Ver em anexo cópia dos questionários e Quadro-resumo dos conceitos.

- 70,8% deles tinham filhos que já tinham repetido de ano uma vez em outra escola;
- 56,8% tinham repetido de ano na própria escola;
- 61% dos filhos precisou de professor particular no período de provas;
- 60% afirmaram fazer os deveres de casa com atraso;
- os pais dos meninos que não possuem telefone e computador no quarto tendem a responder mais que os outros.²⁶

Essas informações podem sugerir perfis de pais de alunos menos aplicados escolarmente, mas não pareceram suficientemente consistentes, para identificarmos com segurança o perfil dos pais não respondentes do survey. Como os questionários dos pais foram encaminhados pelos filhos, uma das suposições é de que muitos jovens não os teriam entregue aos pais. Como assinala Perrenoud:

“as mensagens trocadas entre pais e professores são, na sua maioria, “normalmente” encaminhadas. Os casos de falsificação, retenção ou perda de uma mensagem não são a regra; mas demonstram que o mensageiro exerce um certo controle sobre a comunicação” (Perrenoud: 2001, p.39).

Por outro lado, com o advento da cultura televisiva e eletrônica, das quais a Internet é o exemplo mais contundente, estar em casa não tem o mesmo significado que antes. Esses jovens envolvem-se em tantos afazeres que muitas vezes “esquecem” tarefas, compromissos. Precisam estar constantemente estimulados a se recordar de algo, a cumprir tarefas. Uma hipótese é que estariam ingressando na chamada geração zapping²⁷ - que muda de canal o tempo todo, ávidos pela possibilidade de algo que os agrade e estimule mais (Almeida e Eugenio: 2006, p.49). Esses jovens, observados principalmente nas camadas médias urbanas, são capazes de executar várias tarefas simultaneamente, inclusive aquelas que necessitam mais concentração, como estudar.

²⁶Neste último caso, os pais respondentes poderiam representar setores das classes médias que, na perspectiva de Bourdieu se caracterizariam pela “boa vontade cultural” em relação à escola: “... a pequena burguesia assalariada, cujas virtudes ascéticas e a boa vontade cultural - que se manifesta de todas as formas, fazendo cursos à noite, inscrevendo-se em bibliotecas, fazendo coleções - exprimem muito claramente a aspiração à ascensão à posição superior ...” (Bourdieu:1979,p.135).

²⁷Também estudado por Beatriz Sarlo em *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo cultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

Como aprendizes, ainda estariam numa espécie de fase de treinamento no que se refere ao uso simultâneo de vários dispositivos eletrônicos como televisão, computador, som, telefone celular e a resolução de suas tarefas cotidianas. A distração talvez os tivesse levado a não entregar o questionário aos pais, ou mesmo a não devolvê-lo, caso tivessem sido respondidos. São porém hipóteses que não temos como comprovar.

Também no que se refere ao questionário dos professores, foi constatado um retorno pequeno em todas as escolas. Uma possibilidade aventada pelo grupo foi que a forma encontrada para a entrega e devolução desses questionários, via coordenadores, talvez não tenha facilitado a adesão. Como esses documentos continham informações pessoais, imagina-se a possibilidade de um certo constrangimento entre os pares. Assim sendo, as porcentagens referem-se aos respondentes e não representam o conjunto de professores da 8ª série.

Quanto aos alunos, foram escolhidos para a amostra os da 8ª série (a última série do ensino fundamental antes da mudança legal de 2006 que instituiu nove séries para o ensino fundamental), jovens na faixa de 14 anos. Esses alunos foram escolhidos por se considerar que nessa etapa do ensino a lógica escolar já foi suficientemente incorporada pelos mesmos e que, ao mesmo tempo, esses ainda sofrem as fortes influências de seu mundo materno. Os questionários foram respondidos por 100% dos alunos presentes no dia da aplicação.

3.1

Perfil das famílias

A pesquisa educacional tem apontado a importância das condições sociais e econômicas do aluno e do contexto familiar de origem como um dos conjuntos de variáveis que mais influenciam o desempenho dos alunos, principalmente, na escola básica.

No que pesem as diferentes ponderações de alguns autores quanto a importância da origem social no processo de escolarização, esse ainda é um recurso pertinente quando se pretende conhecer alunos e desempenho escolar. Para esses autores o pertencimento a um determinado grupo social não determinaria completamente a trajetória escolar. Essa encontra-se associada a

outros fatores como as dinâmicas das famílias e as características “pessoais”, ambas apresentando um certo grau de autonomia em relação ao meio social (Nogueira: 2004).

Lahire (2004) aponta a importância das famílias viabilizarem de forma adequada aquilo que trazem como capital cultural e que influenciaria no desempenho escolar, chegando mesmo a admitir que de nada serviria essa suposta bagagem se não fosse adequadamente disponibilizada. O autor refuta a idéia da possibilidade de transmissão da herança familiar sem a participação efetiva daqueles aos quais se destina. Considera que existem diferentes modalidades de socialização familiar e escolar que quando não consideradas, podem confundir a compreensão das diferentes trajetórias escolares.

Setton (2005) propõe uma ampliação do conceito de capital cultural apontando a complexidade dos processos de socialização da atualidade na qual a utilização de recursos informais teriam papel relevante. Entre esses a cultura visual, midiática, a cultura de rua e das vivências experimentadas virtualmente.

Para efeito desse estudo, aceitamos como ponto de partida que:

“ a parte mais importante e ativa (escolarmente) da herança cultural, quer se trate da cultura livre ou da língua, transmite-se de maneira osmótica, mesmo na falta de qualquer esforço metódico e de qualquer ação manifesta, o que contribui para reforçar, nos membros da classe culta, a convicção de que eles só devem aos seus dons esses conhecimentos, essas aptidões e essas atitudes, que, desse modo, não lhes parecem resultar de uma aprendizagem”. (Bourdieu: 2004, p.46).

Essa perspectiva, longe de desqualificar aquelas que dão especial destaque ao papel ativo dos educandos, as qualifica ainda mais, na medida em que supõe um trabalho efetivo tanto destes jovens, quanto de suas famílias, no desafio de passar com êxito por uma instituição com muitas barreiras que se apresentam em vários momentos diferentes. Uma trajetória escolar, qualquer que seja, oferece sempre obstáculos de toda ordem para os envolvidos que, como em toda realidade social, podem estar mais ou menos preparados e dispostos a encarar o desafio.

Caracterização sociodemográfica:

Em conformidade com dados do IBGE²⁸, verifica-se atualmente no país o resultado de uma transição demográfica iniciada logo após a Segunda Guerra Mundial. Por conta, entre outras, da difusão das conquistas da medicina, seguidas da incorporação dos métodos anticoncepcionais para a regulação do número de filhos, houve um aumento da longevidade e a redução da fecundidade. Iniciamos um novo século com um processo de envelhecimento populacional extremamente veloz e com uma queda de mais de 60% no número médio de filhos por mulher.

Um estudo realizado por Marteleto (2002) indica que essa transição demográfica provocou um resultado positivo em relação à escolarização dos jovens. Aqueles que pertencem a famílias grandes estão em desvantagem se comparados àqueles de famílias pequenas nas duas coortes: pré e pós-transição (nas quais uma proporção maior vive em famílias menores). O autor verificou que o impacto negativo das famílias grandes continuou sendo observado nos dois períodos. O estudo considera que o ganho educacional observado entre as coortes pode ser explicado por uma questão de composição, isto é, uma proporção maior viveria em famílias menores.

As famílias analisadas no survey (54.5%) são compostas de 4 a 6 pessoas, o que confirma o dado do IBGE anteriormente apresentado – estão diminuindo de tamanho. Esse dado pode contar a favor desses meninos se considerarmos a hipótese de que os recursos que essas famílias porventura possam utilizar objetivando sua escolarização, serão menos diluídos.

Na escola P1²⁹, 84.8% possuem dois filhos. Tratam-se de famílias pequenas – nenhuma com mais de três filhos – quando comparadas com outras de segmentos sociais menos favorecidos. Na outra escola pública do survey, onde foi encontrada uma renda familiar menor, aparecem 6.4% com quatro filhos.

Apesar de considerar que o tamanho das famílias é um dado importante quando se trata de escolarização, conforme demonstrado pela literatura, considera-se a impossibilidade de se supervalorizar qualquer aspecto isolado, como preditor de certo tipo de trajetória. E isso por várias razões.

²⁸Neste trabalho serão utilizadas as informações da PNAD 2004, reunidos na Síntese de Indicadores Sociais 2005 do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que neste ano ampliou a cobertura para todo o território nacional e agrega pela primeira vez as informações das áreas rurais de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Pará e Amapá.

²⁹Nesse estudo a escola alvo da pesquisa será denominada “P 1” (explicitado anteriormente).

Muito mais que o tamanho e forma dessas famílias, importa saber como se efetiva essa convivência entre casais e prole. A maioria desses casais (81.3%), encontra-se em seu primeiro casamento, o que de certa forma indica a existência de um vínculo razoavelmente sólido, quando se leva em conta estarem juntos a pelo menos 16 anos e a média nacional de duração dos casamentos que terminaram judicialmente em 2004, ter sido de 11.5 anos³⁰.

Destas, apenas uma proporção relativamente pequena (12.1%) relata ter tido uma união anterior com filhos.

Com orientação religiosa predominantemente católica (78.8%), o que pode significar um apego significativo às tradições, sobretudo quando relacionada ao dado anterior, esses pais parecem se envolver bastante na vida escolar dos filhos. Declararam envolver-se integralmente (33.3%) e manter-se informados (36.4%). Já as mães (51.5%) declaram envolver-se integralmente. Outras (21.2%) mantêm-se informadas e 15.5% participam das tarefas escolares.

Dados do SAEB³¹ demonstram que feito o cruzamento das notas dos alunos com o questionário socioeconômico, foi constatada a diminuição da influência familiar no desempenho escolar, à medida que avançava a série. Na 4ª série do ensino fundamental, filhos de pais atentos ao que ocorre na escola tiveram em média 17 pontos a mais na prova de língua portuguesa em relação àqueles que contam com pouca participação familiar. Na 8ª série, a variação positiva cai para 11 pontos.

Os pais da P1 quando declaram as razões da escolha do estabelecimento, indicam, entre elas, as possibilidades de continuação da escolarização dos filhos a nível superior. Parecem se preocupar com o futuro dos filhos, levando inclusive em conta a situação percebida no mercado de trabalho já restrito e extremamente competitivo.

Pelo que foi observado em todas as escolas do survey, as famílias parecem orientar suas escolhas acreditando no papel da escola no que se refere a influência na definição de percursos escolares favoráveis.

³⁰PNAD 2004/IBGE 2005.

³¹Qualidade da educação: uma nova leitura do desempenho dos estudantes da 8ª série do ensino fundamental/ Inep 2003.

Todos os pais (100%) declaram ter escolhido a escola freqüentada pelos filhos, por conta da boa formação cultural, por ser uma escola de prestígio (90.9%), por ter uma boa aprovação no vestibular (90,9%) e pelo método de ensino (84.8%).

De acordo com diferentes posições teóricas, os pais podem ser apresentados como consumidores (Ballion, 1982), como parceiros (Epstein, 1991), como educadores (Meighan, 1986), como clientes (Munn, 1993), como gestores (Munn, 1993), ou ainda como consumidores-cidadãos (Woods, 19920), (apud, Silva, p.36).

Apesar de considerar que cada uma dessas possibilidades significa uma forma diferente de se relacionar com a escola, importa saber que as possibilidades dessas escolhas se desdobram em bons resultados, não dependem apenas delas exatamente. Cada uma dessas diferentes perspectivas vai encontrar um mundo escolar já constituído, onde suas possibilidades de intervenção não são as mesmas.

Para alguns, mais afetos às minúcias e particularidades desse universo, é prevista uma relação com mais entrosamento. Já para outros, o distanciamento se não total, por conta do investimento cotidiano junto ao aluno, está presente desde o início. Esse afastamento da escola propriamente dita não significa a famosa “demissão parental” alegada por alguns críticos. Lahire (2004) através de acompanhamento a um grupo de estudantes franceses, demonstra a existência de muitas formas de influência e participação familiar que nem de longe se restringe à simples presença no espaço escolar.

A respeito, explica uma orientadora pedagógica da escola P1, quando mencionado o fato da pesquisadora não ter percebido pais de grupos sociais menos favorecidos no sorteio para ingresso:

“As famílias de camadas menos favorecidas [...] geralmente deixam pro vizinho assistir o sorteio. O vizinho que vem matricular. A gente aceita. Vamos conhecer depois todas as famílias. A gente chama. A família vai responder um questionário, vem conversar, é ouvida: o que ela espera? [...]. E a gente explica porque existe essa escola e explica qual o objetivo dessa escola. A família tem um espaço – vem dizer o que ela traz prá escola”.

Nessa fala aparece uma questão relevante. Até que ponto a escola estaria de fato aberta à participação efetiva das famílias, naquilo que por tradição consiste

numa espécie de “reserva de mercado”³². As preocupações com essa questão têm estado razoavelmente presentes no pensamento sobre a escola, inclusive no país.

A emergência da idéia de participação parental, nesse universo de onde tradicionalmente estiveram afastados, ainda precisa ser devidamente estudada. No que pesem algumas visões positivas, deve-se incluir nessa discussão, a importância dos diferentes tipos de capital que esses pais possam levar para a escola. Que espécie de contribuição efetiva são capazes de dar e mais ainda, a possibilidade da escola valorizar diferentemente essa contribuição, pesando perversamente para um desprestígio ainda maior dos grupos menos privilegiados³³, Lightfoot:1978) (apud Silva, 2003, p. 59).

Na fala de uma coordenadora ao mencionar a fase de implantação do sorteio³⁴ para classes iniciais:

“No início a gente sentia diferença dos alunos e não é só uma questão de não estar preparado, porque ninguém está preparado para fazer o C. A. A grande diferença que a gente tinha era em relação a questões familiares. A gente tinha um aluno que tinha tido educação em casa e quando a gente chama educação, a gente chama “maneiras”, digamos assim. A gente passou a receber alunos sem nenhuma “maneira” e quando a gente chamava os pais, os pais tinham um pior comportamento do que os filhos. Então a gente começou a se dar conta que a gente estava diante de uma realidade bastante diferente daquela que a gente estava acostumado”.

Caracterização Socioeconômica:

Os indicadores sobre trabalho e rendimento são considerados como aqueles mais adequados ao propósito de avaliar as condições de vida de uma população. De acordo com o IBGE, em 2004 a distribuição percentual da População Economicamente Ativa – PEA, por sexo, era de 56.9% para os homens e 43.1% para as mulheres. Os dados mostravam que a participação feminina no mercado de trabalho vinha aumentando progressivamente.

Se tomarmos os dados que se referem à diminuição do tamanho das famílias, e o lugar cultural historicamente dedicado às mulheres, pode-se pensar que estas, nesse momento, estariam mais liberadas para investir em sua

³²Aqui procurando mostrar que tradicionalmente apenas os professores estariam habilitados a considerar o quê deveria ser ensinado e como.

³³A articulação família-escola poderia se constituir num meio de reprodução das desigualdades sociais e culturais uma vez que não estaria desligada do conjunto da sociedade refletindo diferenças de estatuto e de poder.

³⁴Melhor explicada posteriormente.

escolarização. Antes da transição demográfica, as meninas dos vários grupos sociais tinham perspectivas diferenciadas em relação a seu futuro profissional. À medida que a sociedade foi se modificando, a população feminina foi se tornando cada vez mais economicamente ativa. Provavelmente, o apelo pelo aumento da escolarização, visando uma melhor inserção no mercado de trabalho, foi um dos resultados.

No survey, em todas as escolas foi encontrada uma proporção muito pequena de mães que se encontravam fora do mercado de trabalho e se declaravam do lar. Nas públicas cerca de 12%, proporção que diminui sensivelmente, numa alternativa (4.5%) e na judaica (3.6%). Nas outras, as declarações estão entre 10 a 20% .

As ocupações dessas mães variaram entre aquelas que exigiam curso superior, como professoras, médicas, dentistas, psicólogas, arquitetas, jornalistas, etc., e outras, de nível técnico. Na frequência mais alta aparecem mães professoras (18.2%), o que confirma a tendência predominantemente feminina do magistério. Na outra escola pública da amostra foram encontradas mães costureiras e telefonistas.

As ocupações das mães apresentam-se diretamente relacionadas às suas profissões. Não se evidencia um desvio profissional, tal como acontece com os pais. Um olhar mais cuidadoso, talvez pudesse dar conta da relação entre formação e efetivo exercício profissional.

A profissão da maioria dos pais da escola P1 exige nível superior. A maior frequência foi de engenheiros (21.2%), seguido de comerciantes (15.2%), advogados e jornalistas. Também foram encontradas profissões como corretor de seguro e de imóveis, oficial da marinha, radialista, zelador e mecânico, entre outras.

Em todas as escolas, a profissão de engenheiro aparece como a principal para os pais, com exceção da outra pública, em que esse item obteve respostas mais variadas, aparecendo inclusive profissões de pouco prestígio social, numa frequência significativa.

Quanto às ocupações, aparecem outras que não se enquadraram no item “profissão do pai ou responsável”, sugerindo uma mudança de rumo profissional que pode ter sido provocada pelo achatamento e mesmo ausência das possibilidades de trabalho em certas profissões. Ao que parece, o mercado de

trabalho não tem conseguido absorver toda a mão-de-obra qualificada que parte desses pais pode oferecer.

O rendimento familiar é um dado importante que permite, entre outros, estimar o poder de compra dessas famílias e a conseqüente posse de bens materiais, o conforto de suas casas (número de quartos e outros cômodos), as condições de moradia, além do acesso a certos bens culturais.

O grupo de famílias que compõem o survey encontra-se em posição privilegiada, majoritariamente. A PNAD 2004 mostra que naquele ano os maiores rendimentos pagos foram para empregadores (R\$2.366,30), militares e estatutários (R\$1.300,10) e para empregados com carteira (R\$784,60).

Em todas as escolas a frequência de famílias com esses rendimentos foi muito pequena, o que pode ser explicado em parte, pelo fato de que ambos os cônjuges sejam produtivos economicamente, na maioria dos casos. As escolas que apresentaram rendimentos maiores foram as bilíngües (uma com 15.2% declarando mais de 16 mil e outra com 50% nesta situação), seguida da judaica com 23% nesta faixa de renda familiar mensal.

Tabela 1: Renda mensal bruta das famílias da escola P1

Renda mensal bruta da família	Famílias
Até R\$2.000,00	9.7%
Entre R\$2.000,00 e R\$5.000,00	29.0%
Entre R\$5.000,00 e R\$8.000,00	35.5%
Entre R\$8.000,00 e R\$12.000,00	19.4%
Entre R\$12.000,00 e R\$16.000,00	3.2%
Acima de R\$16.000,00	3.2%

Esses dados, apesar de não a situar no universo do survey como uma das escolas com maior rendimento das famílias, a colocam em posição bastante favorável no quadro brasileiro. No país, 23.6% das famílias viviam em 2004 com rendimento de apenas até $\frac{1}{2}$ salário mínimo³⁵. Ao mesmo tempo, esses dados a aproximam das escolas alternativas com rendimento semelhante.

Na outra escola pública, foi encontrada uma distribuição diferenciada nesse item. Uma proporção maior na faixa de renda menor (até de 2mil reais foi

³⁵O salário mínimo brasileiro a partir de maio de 2004 era R\$ 260,00, segundo o IBGE.

de 26.7% seguida de 35.0% entre 2 e 5 mil). Nenhuma das famílias declarou renda maior que 16 mil.

Cerca de metade das famílias da P1, mora em domicílio próprio já pago (53.1%). Outros (18.8%) ainda se encontram em fase de aquisição e 15.2% residem em espaços alugados. Alguns (6.3%) declaram ter recebido sua moradia por herança. Em todas as escolas foi encontrada uma proporção de famílias nessa situação, o que pode indicar ser o estatuto da herança comum entre certas frações sociais.

Essa situação de moradia coloca os alunos da escola estudada em condição também favorável. Mais ainda, quando cruza-se esse dado ao do bairro de moradia. A maioria reside na zona sul da cidade, área com serviços públicos bastante razoáveis e que não se estendem à maioria dos outros bairros. Também não pode ser desconsiderada a facilidade de acesso a centros de diversão e cultura, concentrados notadamente nessa área da cidade, aí incluídas as praias.

Quanto ao tamanho, a maioria dessas casas possui um número de quartos e banheiros capazes de garantir um nível de conforto acima da média. Têm acesso a equipamentos domésticos que facilitam o cotidiano, possuem empregados domésticos (24.2%) todos os dias e (48.5%) diarista, (uma ou duas vezes por semana). Também possuem automóveis (60.6% um carro e 24.2% dois).

O resultado dessa situação financeira, quando comparada ao universo das famílias brasileiras, demonstra a capacidade que essas famílias possuem, em termos objetivos de propiciar uma transição relativamente tranqüila, desses jovens para a vida adulta no que se refere aos recursos materiais. A maioria desses meninos podem dedicar-se integralmente à tarefa de se prepararem em termos escolares para os desafios do mundo profissional-adulto.

Assim considerando e acrescentando o fato de que não pagam mensalidades, não é de estranhar que 84% declarem que a escolarização do filho não imponha sacrifícios à família. Para apenas 15.2% desses pais trata-se de um investimento que não é indiferente. No survey, a metade dos pais das escolas particulares afirmam experimentar sacrifícios para garantir a escolarização dos filhos, sendo que a proporção maior ocorreu em uma das bilíngües: 57.7%.

Capital cultural:

Cada família, de acordo com sua posição social, transmite um patrimônio específico, econômico e cultural para seus descendentes. Buscando compreender

as diferenças no desempenho escolar de crianças oriundas de grupos sociais distintos, Bourdieu (1998) utilizou o conceito de capital cultural³⁶. Para ele, as explicações como “dom” ou “aptidão” natural não são suficientes para auxiliar no entendimento das razões que levam os grupos sociais a estarem mais ou menos identificados, e portanto, circularem com mais desenvoltura pelo meio escolar.

Incorporado aos estudos educacionais o conceito tem contribuído para o entendimento das relações complexas que se estabelecem entre escola e alunos. Relaciona-se aos valores, às formas de comunicação e aos padrões de organização dos grupos dominantes. Significa em última instância, ter competência para relacionar-se com certos códigos culturais.

Para Lareau (1987), as diferentes ações pedagógicas familiares vão transmitindo bens culturais. Capital cultural mede o clima educacional da família através de hábitos culturais, de leitura, frequência ao cinema e teatro, assiduidade na frente da televisão, entre outros, que definem um ambiente mais favorável ou não às realizações escolares.

Apesar de não existir um consenso sobre a melhor forma de se medir o conceito de capital cultural, no estudo do SOCED foram privilegiados os aspectos que dessem conta das práticas familiares de mobilização de recursos materiais e simbólicos junto aos filhos.

Assim sendo a maioria das famílias analisadas no survey possuem um razoável volume de capital cultural. Com nível de escolarização superior, alguns continuaram sua formação em cursos de especialização, mestrado ou doutorado. Possuem um bom conhecimento de língua estrangeira, sendo inglês a maior incidência. Viajam para o exterior e se dedicam a variadas atividades culturais com frequência.

³⁶De acordo com Bourdieu (1998), o capital cultural pode existir sob 3 formas:

No **estado incorporado** que são disposições duráveis no organismo. Ligado ao corpo supõe a incorporação através de um trabalho de inculcação e assimilação que leva tempo e só pode ser realizado pela própria pessoa, *“é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte da “pessoa”, um habitus* (Bourdieu: 1998, p.75). Por ser herdado e adquirido apresenta um grau de dissimulação elevado e está predisposto a funcionar como capital simbólico.

No **estado objetivado** como bens culturais objetivados em suportes materiais que apesar de sua aparência de objeto autônomo, pode ser apropriado e utilizado pelos agentes como arma e objeto de luta pela distinção: escritos, pinturas, obras de arte, etc., bens que são socialmente valorizados e que possuem grande poder simbólico.

No **estado institucionalizado** como diplomas e certificados que conferem ao detentor um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura.

Na escola P1, 54% dos pais possuem curso superior, 9.1% mestrado e 18.2% possuem especialização. Desses, 36.4% concluíram seus estudos em instituições públicas federais e 6.5% estaduais – as de acesso mais difícil. Outros (19.4%), em instituições privadas laicas e em mesma proporção, em privadas confessionais; 16.1% dos pais declaram que não fizeram, ou ainda não completaram o curso superior.

Quanto às mães, apenas 9.4% possuem o nível médio; 53.1% possuem curso superior, 28.1% com especialização e 9.4% com mestrado.

Esses pais possuem bom conhecimento de línguas estrangeiras e como todos os da amostra têm mais familiaridade com o inglês: 60% declararam possuir nível bom e razoável.

A análise da escolaridade da população adulta brasileira, de acordo com a PNAD, mostrou que, em média, cerca de 30% dos adultos eram considerados analfabetos funcionais e apenas 8% possuíam curso superior completo. Quando relacionados à realidade brasileira, esses dados mostram estarem as famílias da escola P1, em sua imensa maioria, em situação excepcionalmente positiva.

Os estudos mostram a tendência de crescimento da média de anos de estudo, conforme o crescimento da renda familiar per capita. O que contribui para o entendimento de algumas das razões que levam as famílias alvo do estudo, a possuírem escolaridade tão acima da média nacional.

Analisando as práticas sociais dessas famílias, percebe-se uma razoável homogeneidade, dentro de um leque de opções bastante amplo. Ao que indicam os dados, certas práticas que poderiam ser consideradas como “alta cultura”, como frequência a teatro, ópera, dança, museu ou centro cultural, não são comuns para algumas delas, que em proporção diferente, marcaram “nunca” quando indagados se praticavam: 22% nunca vai a teatro; 53% nunca vai à ópera; 44% nunca vai a espetáculos de dança; 26% nunca vai a museus e 26% nunca vai a centros culturais.

Essas famílias parecem mais dispostas a circular por espaços considerados menos eruditos como se existissem obstáculos à compreensão e total aproveitamento daquilo pelo qual às vezes se paga caro – com exceção dos museus – e que via de regra, em outros tempos, teria servido como um fator de distinção. Apesar da formação universitária e de provavelmente uma familiaridade ainda que ínfima, entre esses pais e essas narrativas, parece faltar-lhes a

aprendizagem, ou mesmo o desejo, vindos provavelmente da exposição e contato com as mesmas. Uma espécie de interesse, que só aquele suficientemente familiarizado parece ir construindo.

Alguns autores vêm analisando a alteração nos padrões de consumo cultural provocada pelo impacto da mundialização da cultura. Canclini (2000) cita a diminuição da frequência a espaços que oferecem cultura clássica como museu, música e teatro entre outros, como uma consequência da complexificação da vida urbana – disponibilidade de tempo, dificuldades de deslocamento e medo da violência, entre outros. Para Ortiz, nesse novo contexto mundial, a tradição e as artes não se configuram mais como padrões de legitimidade. A oposição entre “cultura erudita” e “cultura popular” teria sido substituída por “os que saem muito” e “os que permanecem em casa” (Ortiz, 2000, p.211).

Além disso, ainda não acontece no país, com intensidade, o movimento de transformação que levou espaços tradicionais como museus, a se transformarem de templos de fruição estética para iniciados e experts, em espaços públicos mais diversificados e acessíveis, com atividades variadas (talvez releituras de certas tradições) que possam ser utilizados por um número maior de pessoas (Moraes, 2006, p.38).

Corroborando com essa idéia, os pais da P1 quando indicaram quais os três últimos eventos aos quais levaram os filhos, tratando-se de museus ou centros culturais, indicaram exposições fartamente noticiadas na mídia e que tratavam de assuntos com os quais tinham uma relativa proximidade, dado sua contemporaneidade e sua ampla divulgação pelo espaço urbano.

Quando indagados sobre a frequência (item mais de 4 vezes), com que participaram no último ano de algumas atividades, a frequência maior foi 93.9%, declarando ter ido a shoppings.

As opções que obtiveram maiores índices na escola P1 foram: festa/casa de amigos 90.9%; bares e restaurantes 90.9%; cinema 75.8%; praia 72.7% seguido de livrarias 68.8% e parques/prças/ áreas públicas de lazer 57.6%.

Não é fácil compreender os sentidos dessas práticas, uma vez que estariam condicionadas pela situação conjuntural vivida pela própria cidade. Ao que parece, certos consumos só se efetivam quando são oferecidos gratuitamente ou a preços módicos, e em locais de fácil acesso, com um nível de segurança considerado razoável. Concertos ao ar livre, espetáculos na praia, etc. não

costumam ser freqüentados por certos grupos que por sentirem-se vulneráveis afastam-se das aglomerações públicas, preferindo clubes (53.1% dos pais da P1), onde podem encontrar seus pares.

Alguns desses pais praticam esportes (36.4%), o que poderia indicar que, majoritariamente, os pais da P1 não fazem parte do grupo possuidor de uma forte cultura do corpo/saúde, tal como apresentado pela mídia.

Um grupo razoavelmente pequeno (18.2%) declara ter alguma atividade voluntária ou filantrópica. Os pais de uma das escolas bilíngües foram os que declararam, em proporção maior, desenvolver esse tipo de atividade.

Lendo jornais de grande circulação (87.9% O Globo, 51.5% Jornal do Brasil), parecendo preferir aqueles de informação geral aos que tratam de temas específicos. Uma proporção desses pais (de 21.2% e 12.1%), lê um dos jornais dedicado às camadas menos favorecidas, tanto pelo preço, quanto pela forma de apresentar as informações, o que o aproxima da outra escola pública onde a maior proporção de leitores desses veículos foi encontrada.

Quanto a revistas, 78% declaram ler uma de informação mais geral, com forte apelo entre as camadas médias da população. Uma proporção bastante pequena (3%), declara ler outras publicações.

Assistem na TV a jornais e noticiários (100%), filmes /seriados (87.8%), programas de auditório (84.8%) e documentários (78.8%).

Desses pais, 45% viajaram para o exterior nos últimos três anos para férias e ou passeio, e os países preferidos foram os da América do Sul.

Ao que parece, são famílias com acesso à informação qualificada e que são capazes de auxiliar os filhos nas questões escolares de modo geral.

Além disso, de acordo com as pesquisas de Setton (2005), haveria uma nova maneira de conceber o capital cultural, ampliando seu entendimento. Diferentes grupos sociais utilizariam diferentes maneiras de aprendizado formal/informal, difundido por instâncias ainda não entendidas e consideradas legítimas socialmente.

3.2 Perfil dos professores

As pesquisas sobre o efeito-professor, em sua maioria, baseiam-se nos paradigmas processo-produto³⁷ e processos-mediadores³⁸. São bastante conclusivos quanto à importância que esses profissionais desempenham na aprendizagem dos alunos. Chegam mesmo a minimizar alguns constrangimentos vividos pelos mesmos, considerando que possuem uma razoável margem de manobra na execução de suas tarefas, o que poderia fazer toda diferença.

Conhecê-los é um etapa importante quando se pensa a escola. Afinal, eles são os “maestros”³⁹ e nessa escola específica⁴⁰, exercem duplo papel: trabalham suas competências em dois níveis de ensino, o básico e o superior, em virtude da interação permanente com a formação dos licenciandos.

De acordo com informações da direção, dos 105 professores da escola, cerca de 20 encontravam-se licenciados por razões diversas. Dos 83 professores em atividade, 25 deles, diretamente vinculados à 8ª série, responderam ao questionário, o que foi dos melhores índices de respostas de professores ao questionário do SOCED na atual pesquisa.

Caracterização sociodemográfica:

Esses professores distribuem-se quanto a gênero, como na maioria das escolas pesquisadas: uma proporção maior de mulheres 69.6% e 30.4% homens. Apenas a escola judaica e uma confessional apresentou proporção próximas para os gêneros.

Várias hipóteses podem ser aventadas para o elevado índice de mulheres entre os professores acordo com a perspectiva daqueles que se debruçam sobre essa questão. Para uns, a feminilização do magistério teria ocorrido pela identificação entre a “natureza” feminina e a prática docente, nos primeiros anos do ensino. A escola normal teria contribuído para isso na medida em que

³⁷Estudos sobre o efeito-professor, surgem no contexto dos estudos sobre o efeito-escola. Esses estudos se interessam mais pelo que faz, do que pelo que pelo que é. Avalia-se a eficácia estudando as relações entre o que o professor faz em classe e a aprendizagem dos alunos.

³⁸Centrado no aluno se interessa pelos processos que mediatizam a relação entre comportamento e aprendizagem (Bressoux:2003)

³⁹Tomado de empréstimo da língua italiana, considerando seu significado para a língua portuguesa: aquele que conduz, que orienta. Regente de orquestra.

⁴⁰A escola P1 é uma escola também ligada à formação de professores – situação melhor explicitada posteriormente.

assemelhava a docência com o trabalho doméstico, dependência e fragilidade (Tambara:1998).

Outros consideram que o sentido feminino da profissão do magistério é muito forte e acaba por configurar espaços e práticas que estariam ligadas à feminilidade mesmo quando ocupados por homens (Silva:2002).

Outros consideram que como profissão pouco rentável, afastou os homens, que culturalmente seriam os responsáveis pela manutenção da família. Idéias que envolvem a profissão, como a de vocação e sacerdócio poderiam ser usadas como mecanismos de legitimação de preconceitos contra as mulheres. Seriam consideradas, mais que os homens capazes de se submeter às dificuldades com resignação e paciência (Buschini & Amado:1988).

Quanto à idade, percebe-se uma tendência, em todas as escolas, a contarem com um quadro bem reduzido de docentes jovens.

Tabela 2 : Idade dos professores da escola P1

Idade	Porcentagem de professores
Até 24 anos	4.2%
De 25 a 29 anos	8.3%
De 30 a 39 anos	41.7%
De 40 a 49 anos	33.3%
50 anos ou mais	12.5%

A maior proporção de docentes mais velhos foi encontrada numa das escolas alternativas 75% e numa das bilíngües 57.1% .

Esses dados ajudam a pensar na hipótese de desvalorização gradativa da profissão, o que pode ter afastado jovens que iniciam sua carreira profissional e que estimulados pelo trabalho em locais com possibilidades de melhores condições de trabalho e melhor remuneração, escolhem profissões mais valorizadas, inclusive em termos simbólicos.

Entretanto, no caso a P1, fazer parte do corpo docente da escola significa participar de uma competição nada banal. Nos últimos anos, os postulantes têm se mostrado cada vez mais qualificados. Alguns possuem título de mestre ou doutor e se dispõem a trabalhar nos níveis básicos do ensino, o que não é muito comum. São inúmeros os relatos de professores universitários que admitem terem iniciado seu exercício profissional na escola básica. À medida que foram se qualificando transferiram-se para níveis mais elevados do ensino.

Com todas as dificuldades advindas do número reduzido de vagas para ingressar na instituição, uma vez que aqueles que têm acesso passam a ser estatutários federais com estabilidade, não é um ingresso fácil. Sobretudo nos últimos tempos, depois do concurso público ter sido incorporado como a única forma de acesso permanente⁴¹.

As características etárias de seus professores colocam a escola numa situação favorável. Possui em seus quadros professores mais novos e toda vitalidade que porventura isso possa significar, em termos de disposições variadas, é acrescida pelo convívio com outros mais experientes. O fato desses docentes terem familiaridade com a escola e seus mecanismos, aliado ao conhecimento que a prática continuada prevê, pode contribuir para a formação de um quadro qualificado.

Experiência e formação profissional:

A experiência desses profissionais é certamente um fator positivo no que se refere ao desempenho dos alunos. Dos que participaram do survey (34.3%) exercem a profissão entre 16 e 25 anos e 41.3% há mais de 25 anos. Uma proporção bastante pequena (9.8%), declarou ter 5 anos ou menos de experiência. Formados em sua maioria em universidades públicas – as de ingresso mais concorrido – cerca de 60% possuem cursos de pós graduação, o que certamente pode exercer um impacto positivo sobre o desempenho dos alunos, principalmente em certas áreas⁴².

Na escola P1, a questão foi respondida na mesma proporção para aqueles formados há 5 anos ou menos, e mais de 25 anos (cerca de 20%). Entre 6 e 25 anos de formado, encontra-se a maioria (58.3%), o que entre outros aspectos lhes confere experiência. Trata-se de um ofício que subentende uma competência que se redefine cotidianamente. Os vários grupos de alunos comportam-se de maneira diferente frente aos objetivos apresentados em sala de aula e os professores precisam adequar seus procedimentos de acordo com as necessidades que se

⁴¹Também existe a possibilidade de vínculo temporário, com seleção proposta em edital público, para um prazo máximo de dois anos.

⁴²Dados do Saeb/2001 indicam que o impacto é positivo principalmente entre aqueles que possuem mestrado e ministram Língua Portuguesa. No entanto, o estudo alerta para a necessidade de cautela por conta da possibilidade de não determinar exatamente se o efeito positivo se daria por conta da melhor qualificação do professor, ou pelo fato de que professores mais qualificados tendem a lecionar para alunos com melhor nível socioeconômico e que normalmente apresentam melhor desempenho no Saeb.

apresentam. Portanto, em princípio, quanto mais experiente mais habilitado a experimentar a variedade didática, um dos fatores que predispõe à eficácia escolar de acordo com Bru:1991 e Kemp:1990, (apud Bressoux, 2003 p.43).

A escola P1 conta com um quadro profissional no qual mais da metade (56%), no ano do survey, possuía mestrado, o que segundo verificação posterior aumentou ainda mais. Desses, 24% possuíam especialização⁴³ e 4% doutorado. Durante o prosseguimento da pesquisa, 17 professores encontravam-se em doutoramento. O movimento em direção ao aumento da titulação tem sido bastante intenso e se constitui uma das grandes preocupações da atual direção que teme não encontrar uma maneira de continuar articulando os interesses de um grupo cada vez mais qualificado com as exigências e limitações apresentadas pela escola básica.

Situação interessante foi encontrada na outra escola pública, com uma proporção de professores-mestres de 29.4% e de 52.9% de professores especialistas.

Esses dados indicam a excepcionalidade dessas escolas públicas em nosso sistema escolar. Esses professores, estimulados a se qualificarem cada vez mais, inclusive em decorrência dos planos de carreira dessas instituições, contribuem para a construção do clima de excelência.

Nas outras escolas, a titulação dos professores foi bem menor.

Caracterização socioeconômica:

Os professores da escola P1 fazem parte de um grupo com rendimento salarial bruto bem acima da média⁴⁴

Tabela 3: Salário bruto dos professores da escola P1

Salário Bruto	Porcentagem de professores
De R\$1.200,00 a R\$2.000,00	25.0%
De R\$2.001,00 a R\$2.800,00	25.0%
De R\$2.801,00 a R\$3.600,00	12.5%
De R\$3.601,00 a R\$4.400,00	25.0%
Mais de R\$4.000,00	12.5%

⁴³Considerando que os cursos de especialização parecem ser mais efetivos, de maneira geral, na capacitação desses profissionais, pode-se pensar na possibilidade de que existam outras razões a impulsioná-los em direção ao aumento da titulação.

⁴⁴Pesquisa/CNTE – Retratos da Escola 3, na época encontrava-se na faixa de R\$500,00 e R\$700,00.

O dado mostra-se particularmente significativo, em termos positivos, quando comparado à proporção da carga horária trabalhada semanalmente. Mais da metade (52%) trabalha até 20 horas e apenas 4%, mais de 40 horas.

Apesar dessa situação de privilégio, 45.5% consideram seu salário na média; 18.2% abaixo da média e 36.4 acima da média. Esses dados podem indicar estarem se comparando a profissionais de escolas semelhantes e mesmo do ensino superior, e não com a totalidade dos docentes do país. Contudo, 84% afirmaram já ter trabalhado ou trabalhar na rede pública, na qual se encontram, via de regra, os menores salários.

De acordo com pesquisa da CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação⁴⁵, os baixos salários da maioria desses profissionais, fatalmente provocam uma queda na qualidade da educação. Contando com poucos recursos financeiros, precisam aumentar sua carga de trabalho, o que os impede de executar suas tarefas docentes adequadamente.

Tabela 4: Distribuição da renda familiar bruta das famílias dos professores da escola P1

Faixa salarial	Porcentagem de professores
De R\$1.200,00 a R\$2.000,00	25.0%
De R\$2.001,00 a R\$2.800,00	25.0%
De R\$2.801,00 a R\$3.600,00	12.5%
De R\$3.601,00 a R\$4.400,00	25.0%
Mais de R\$4.000,00	12.5%

Esse nível de renda os caracteriza como parte das camadas médias da população.

Capital cultural:

Esses profissionais possuem conhecimento de língua estrangeira em nível declarado bom a razoável para inglês (84%), espanhol (64%) e francês (44%).

Lêem jornais locais de grande circulação, 72% um e 40% outro, preferindo os mais reconhecidos como veículos de camadas médias e altas, em detrimento daqueles mais populares, que 100% afirmam não ler. Também lêem revistas de informação geral, estando entre suas opção as que se dedicam a cultura e política preferencialmente.

⁴⁵ Retrato da Escola 3 - abril de 2003

Quanto a programas de televisão preferem regularmente assistir a jornais e noticiários (96%), entrevistas (96%) e documentários (88%). No item relativo a novelas, 40% declaram assistir. As escolas nas quais mais professores declararam assistir a novelas foram a escola judaica (35.5%) e uma das bilíngües (42.9).

Nos últimos 12 meses foram mais de 4 vezes a livrarias (96%), a shoppings (84%) e na mesma proporção, a cinemas. Em igual proporção (80%) freqüentaram parques e áreas públicas de lazer, bares e restaurantes, festas e casas de amigos. Assim como os pais dos alunos, declaram não ter preferência por clubes ou eventos esportivos e em proporções pequenas, afirmam freqüentar locais considerados como de alta cultura.

Um terço desses professores viajou para o exterior nos últimos 3 anos, por motivo de férias ou passeio, tendo como preferência países da América como Argentina e EUA, o que poderia estar relacionado à condição econômica – são países com câmbio favorável em relação ao Brasil.

Visão sobre: Escola / Famílias dos alunos / Contexto escolar

Para esses professores, as famílias dos alunos fazem parte da elite acadêmica e profissional (52.2%) e elite cultural/artística (41.7%). Também se consideram pessoas de elite (41.7%) e quando indagados sobre as razões dessa autodefinição, parecem ter concepções diferentes dos motivos dessa condição. A maioria se refere à questão cultural, ao acesso ao curso superior, à situação profissional. Demonstram estar atentos às dificuldades da maioria da população em adquirir os bens culturais de que dispõem e que os distinguem. Mencionam não se sentir elite econômica e reforçam o fato de terem passado por um processo de ascensão social. Fato curioso foi a presença nas respostas, de um certo constrangimento, por parecer melhor que outros que não tiveram chances iguais.

Ao mencionarem as características que melhor representam o perfil dos alunos, suas opções demonstraram uma visão bastante positiva. Consideram seus alunos informados e críticos (96%), agitados (88%), estudiosos e educados (70.8%). As opções arrogantes e desligados receberam 20% das respostas.

Ao serem indagados sobre como caracterizariam seus alunos, foram praticamente unânimes ao considerá-los engajados, participativos, com

capacidade argumentativa desenvolvida, capazes de defender seus direitos, prezando espaços a eles destinados, na estrutura da escola.

Algumas das respostas referiam-se ao bom nível cultural desses alunos, ressaltando a influência da escola nessa formação, como se só pelo fato de vivenciar um espaço como o dessa escola específica, já se diferenciariam. Parece interessante que os professores tenham em conta o papel da dimensão escolar na formação não só intelectual, acadêmica desses jovens, tanto quanto em outras relações sociais.

Consideram em sua maioria, que o papel fundamental de uma escola é educar, capacitar, formar, através de uma relação crítica com o conhecimento. Aham que a escola deve procurar despertar no aluno o desejo de aprender para que possa atuar na sociedade em que vive de forma solidária. Pela maioria das respostas entende-se que o objetivo da educação formal para esses professores extrapola a simples escolaridade, desdobrando-se na possibilidade de uma inserção diferenciada no mundo social.

Aham que a escola se diferencia das outras nas quais trabalha ou trabalharam principalmente por conta da política pedagógica geral que contribui para uma liberdade maior do professor, pela visão diferenciada de aluno e pelos objetivos da escolarização. Quanto à proposta pedagógica, consideram que podem inovar, testar, decidir sobre praticamente todos os aspectos da ação educativa. Mencionaram o tipo diferenciado de relações interpessoais, mais produtivas, facilitadas pelo espaço fornecido pelas reuniões, largamente incorporadas ao sistema. Alguns mencionaram a importância da formação continuada ser facilitada.

3.3 Perfil dos alunos

A PNAD 2004 apresenta dados que colocam o país em condição ainda sofrível, no que se refere à educação. Apesar das mudanças ocorridas nas últimas décadas, sobretudo no que se refere ao aumento da escolaridade da população e à queda contínua dos índices de analfabetismo, ainda persistem problemas antigos. Ainda não conseguimos solucionar os problemas relativos ao fluxo escolar, combatendo a evasão e o atraso e efetivamente melhorar a qualidade de ensino oferecida pelas várias redes de ensino.

Nesse contexto, alunos que freqüentam as escolas analisadas pelo survey, encontram-se em posição privilegiada por terem a oportunidade de desenvolverem-se num ambiente favorável à ação educativa formal. Apesar dessas considerações, nem todos freqüentam essas escolas da mesma maneira. Oriundos não só de grupos sociais diferentes, quanto principalmente de famílias diferentes, também tendem a vivenciar de maneira diversa seu processo de escolarização.

Caracterização sociodemográfica:

De acordo com o questionário de pais, esses meninos vivem em famílias pequenas, 46.2% possuem apenas um irmão, 24.6% possuem dois e declaram (20%), morar com outra pessoa. Como no questionário de pais apareceu uma proporção maior de respostas que indicavam morarem com outra pessoa, pode-se pensar que não tenham considerado não parentes no ato da resposta.

Vivem (87.7%) com a mãe e (73.8 %) com pai ou outro responsável. Possuem na maioria, 14 anos e dividem-se em termos de gênero, praticamente em proporções idênticas.

Residem (cerca de 80 %), nos bairros próximos à escola ou na zona sul da cidade, aqueles considerados privilegiados, em termos urbanos. Uma proporção menor (cerca de 5 %), vivem na zona oeste da cidade, área considerada de crescimento emergente. Outro grupo vive na zona norte da cidade, em bairros mais distantes da escola.

Caracterização socioeconômica familiar:

A maioria desses meninos conta com um estrutura doméstica confortável. Contam com os seguintes itens no quarto: 80% têm mesa de estudos; 76.9% possuem televisão; 70.8% aparelho de som; 66.2% computador (apenas 20% declaram possuir programas educativos), e 55.4% telefone.

Além disso, alguns possuem DVD (38.5%) e aparelho de vídeo cassete (35.4%) e ainda 47.7 possuem pelo menos um instrumento musical. Esta situação os coloca em posição semelhante aos meninos das outras escolas com diferenças para mais, em relação aos da outra escola pública.

O envolvimento dessas famílias na vida desses meninos parece ser bastante efetivo. Declaram (78.5%) conversar sempre com os pais sobre assuntos variados. Ouvem música juntos (50%); quase sempre (40%) conversam com seus amigos e algumas vezes (32,3%) com os pais dos amigos. Quase sempre (46.2%), almoçam ou jantam juntos e costumam, quase sempre, levar os amigos do filho em programas que fazem (43.1%).

Esses pais, ao que parece, têm o objetivo de participar das escolhas profissionais de seus filhos. Uma proporção de 68.5% dos alunos declara falar sobre a futura profissão, sempre ou quase sempre, com os pais e 69.2% declaram conversar sobre a continuidade dos estudos. Um dos assuntos preferidos refere-se à TV: 73.3% conversam sobre esse assunto, sempre ou quase sempre.

No que se refere a interesses culturais propriamente ditos, as conversas diminuem sensivelmente. Poucos declaram conversar sobre livros, museus ou exposições.

Capital cultural:

Os pais da escola P1 investem na escolarização de seus filhos de maneira bastante consistente. Sua presença física cotidiana pode ser explicada tanto pelo tipo de relação familiar majoritária nas famílias (pai e mãe juntos), quanto pela especificidade do trabalho profissional que desenvolvem e que permite que pelo menos um dos cônjuges esteja presente à uma das refeições e passe algum tempo em casa. Por conta não apenas dessas condições, mas sobretudo pelo interesse

desses pais em incrementar suas atividades culturais, esses meninos contam com uma estrutura de capitais favoráveis à escolarização.

Fazem cursos extra-curriculares de língua estrangeira (81%); a maioria pratica esportes, alguns (26.2%) estudam música e em proporções pequenas estudam teatro, fotografia, artesanato ou pintura. Acabam por se declarar com bom conhecimento de inglês (81.5%); razoável de francês (67,7%) e um pouco (fraco) de italiano, alemão e espanhol. Em todas as escolas, apareceram proporções muito pequenas, 10% ou menos, de alunos que fazem curso de computação/informática. Talvez esses alunos se exponham tanto a esse tipo de tecnologia, que acabem por aprender sozinhos ou com a ajuda dos pais, como operar e usufruir suas potencialidades.

Na proporção de 36.9%, já viajaram para o exterior por motivo de férias ou passeio. O local preferido foi Estados Unidos e Argentina. Em todas as escolas os Estados Unidos apareceram como local preferido, sendo que nas escolas bilíngües os países identificados com a outra língua também foram citados como local para onde viajaram. Israel também apareceu como local preferido para os meninos da escola judaica.

Quando indagados sobre se tinham, nos últimos 12 meses, exercido alguma atividade artística / cultural regularmente, relacionada a cinema, 32.3% responderam afirmativamente. A teatro 33.8%; Dança, 15.4%; música / canto 35.4%; literatura / poesia 15.4% e artes plásticas 29.2%.

Cerca de metade desses alunos declara ter na leitura uma das suas diversões preferidas. Achem que ler não é uma perda de tempo e gostam de ir a livrarias. Um grupo pequeno (menos de 10%) sente dificuldade em ler livros até o final. Entre suas práticas de leitura estão preferencialmente ficção (81.5) e quadrinhos (sempre 29.2% ou algumas vezes 27.7%). Não lêem jornais (95% escolheram a opção “nunca”) e preferem assistir ao noticiário na TV (90.8%).

Entre os programas preferidos na TV, encontram-se filmes e seriados, clipes de música, shows e documentários e humorísticos (mais de 90%). A seguir, aparecem em ordem decrescente: esportes, documentários, entrevistas, novelas e programas de auditório.

Uma proporção grande desses meninos (80%), acessam a Internet e lêem revistas de informação geral (cerca de 80%). Quando indagados sobre que livros tinham lido nos últimos 2 anos e gostado, apareceram best sellers como Harry

Potter e Senhor dos Anéis e uma ficção nacional já apropriada para o cinema: Bellini e a esfinge.

Freqüentam museus ou centros culturais (78.5%) preferencialmente com amigos ou com a escola. O centro cultural preferido é o CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil). Afirmam freqüentar pouco a biblioteca da escola (61.5% não freqüentaram no último ano) e 24.6% foram uma ou duas vezes.

Proporções pequenas foram a espetáculos de dança e shows de música.

Trajetória escolar:

Para grande parte desses meninos (75.4%), a escola P 1 é sua única referência escolar e declaram nunca ter mudado de escola. Os outros são egressos de escolas privadas laicas ou confessionais, estaduais ou municipais em proporções semelhantes e declaram ter mudado de escola uma (18.5%), ou duas vezes (9.2%).

Para muitos deles, a experiência da repetência é desconhecida (84.5%) e 13.8% já repetiram de ano na própria escola.

Ao se situarem na turma, declaram que suas notas encontram-se na média (64.6%) e acima da média (27.7%). Um grupo menor (3.1%) declara estar abaixo da média. Mais da metade (53.8%) não teve professor particular e aqueles que tiveram declaram ter tido para uma matéria ou duas no período de provas. Essa procura por ajuda externa deu-se de maneira proporcionalmente idêntica para indicação dos pais e deles próprios. Um grupo menor (3.1%) declarou ser indicação do professor.

Práticas de estudo:

O quarto parece ser peça importante na vida dos alunos de todas essas escolas. Na escola P1, (69.2%) declara ser o local onde estudam com mais freqüência. Alguns (cerca de 40%), fazem os deveres sem atraso e assistindo TV. Quando indagados quanto a razão pela qual o fazem, 78.5% declaram ser por que vale nota e apenas 12.3% por que os pais obrigam. Um grupo de 18.5% faz os deveres ainda na escola.

Estudam entre 1 e 2 horas por semana (53%), entre 3 e 5 horas (26%) e entre 5 e 8 horas (16%). Mais da metade estuda algumas vezes no final de semana⁴⁶.

Clima escolar:

Para esses meninos a escola é um lugar onde (58.5%) fazem amigos e ficam à vontade (89,2% declaram concordar ou concordar totalmente) e não ficam entediados (60%). Para um grupo menor (10.8%) a escola é um lugar onde ficam incomodados ou fora do lugar.

A relação que desenvolvem com os professores parece bastante amigável. Como opções de resposta foram oferecidas frequentemente, poucas vezes ou nunca. Para a resposta “frequentemente”, cerca da metade, 55.4%, afirmam relacionar-se bem com mesmos; 84.6% estes estariam disponíveis para esclarecer dúvidas; incentivariam os alunos a melhorar 69.2% e para 63.1 os professores dariam oportunidade para que expressassem sua opinião durante as aulas.

Esses professores ao que parece convivem com um clima agitado. Os alunos respondentes dividem-se no que se refere a barulho e desordem. A metade considera que exista barulho e desordem na maioria das aulas e os outros apenas em algumas aulas.

Para 64.6% desses meninos, os professores esperam por silêncio na maioria das aulas e para 80% os alunos não prestam atenção ao que o professor fala, só em algumas aulas.

Segundo esses alunos, os professores explicam até que entendam a matéria na maioria das aulas (49.2%) ou em algumas aulas (49.2%).

⁴⁶Estes percentuais devem ser relativizados porque a equipe do SOCED acredita que os jovens das 8^{as} Séries tiveram dificuldades de precisar o nº de horas semanais de estudo.